

## EDITORIAL

*Maria Helena da Nóbrega*

*Maria Inês Batista Campos*

*Elis de Almeida Cardoso Caretta*

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

O termo *gramática* faz parte do imaginário coletivo de falantes nativos e estrangeiros. Quase sempre ligada a questões de certo e errado, reforçadas pelo patroleamento gramatical tão em voga em programas de rádio e televisão, dúvidas por telefone, CD-ROM e internet, a divulgação de normas de etiqueta linguística faz com que o usuário chegue à escola com a crença de que a única gramática que existe é a normativa, tradicional. Séculos de ensino gramatical prescritivo ajudaram a fossilizar essa ideia, sobretudo quando as investigações sobre a prática discursiva ainda não integravam os projetos pedagógicos.

O cenário mudou quando as relações entre gramática, uso e variação linguística passaram a fazer parte dos estudos linguísticos, há pelo menos 30 anos. No entanto, os debates sobre esse tema ainda se mantêm atuais, dada a necessidade de ampliar a rotina de propostas de ensino que privilegiem a dimensão textual e discursiva.

Neste número, a *Revista Linha D'Água* acolhe as diversas teorias gramaticais – geral, universal, histórica, comparada, contrastiva, reflexiva, implícita, explícita, descritiva, funcionalista, prescritiva – em artigos que analisam a gramática, o uso e a variação linguística em contextos de língua materna e estrangeira.

Roseli Hilsdorf Dias Rodrigues analisa o ensino de língua portuguesa em relação às diretrizes de três documentos oficiais. Por meio de análises qualitativas, a autora comprova a falta de continuidade das políticas educacionais.

O estudo da representação das sibilantes surdas e sonoras em manuscritos produzidos entre 1701 e 1800 é o tema do artigo de Phablo Roberto Marchis Fachin. O autor encontra certa tradição gráfica em documentos da administração pública da época colonial, contribuindo para as investigações sobre a história da língua portuguesa.

Ocupando-se da sociolinguística variacionista, Regina Cláudia Pinheiro analisa o uso das variantes linguísticas da regência do verbo *ir*. O *corpus* da pesquisa é constituído por falantes do português oral culto de Fortaleza-CE. A

conclusão desvenda quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos condicionam o uso das preposições.

Ainda na seara verbal, Angela Marina Bravin dos Santos investiga o comportamento variável das construções com verbos transitivos diretos e a partícula “se”. A autora recorre à teoria da variação e mudança para analisar textos acadêmicos.

Na área do ensino de língua estrangeira, Rocío Alonso Rey estuda erros produzidos por falantes do espanhol aprendendo língua portuguesa. As interferências da língua materna são analisadas em aprendizes de nível básico, nas formas verbais flexionadas do presente do indicativo.

Neusa Salim Miranda e Patrícia Miranda Machado estudam a linguística cognitiva e os modelos de uso da gramática das construções. Nesse campo teórico, examinam o aspecto semântico desconstruído em construções morfológicas.

O comportamento morfossintático de advérbios temporais é o objeto de Viviane Purcina de Santana Maciel e Gessilene Silveira Kanthack. Para investigá-lo, as autoras utilizam notícias jornalísticas de dois periódicos da imprensa brasileira. O comportamento variável dos advérbios se revela na análise dos dados, bem como no fato de esses advérbios não constituírem uma classe homogênea.

Na perspectiva funcionalista, *Débora Taís Batista de Abreu e Rove Luiza de Oliveira Chishman* discutem a função discursiva inerente a construções com os verbos- suporte *dar* e *fazer*. Após apresentar as variações morfossintáticas mais comuns dessas construções, as autoras demonstram como esses usos geram efeitos discursivos diferentes daqueles encontrados no emprego de verbos plenos.

A língua falada é objeto de Hebe Macedo de Carvalho, que estuda a alternância do subjuntivo e indicativo em duas comunidades de fala do Ceará: falantes de Fortaleza, comparados com os dados do Cariri cearense. A autora utiliza análise estatística e procedimentos metodológicos da sociolinguística variacionista.

Também na tradição funcionalista, Márcia Teixeira Nogueira e Francisco Ednardo Pinho dos Santos investigam a inadequação do enunciado na situação de interação, considerando funções pragmáticas, semânticas e sintáticas. Do *corpus*, constituído a partir de redações escolares, os autores analisam alguns tipos de inadequações, demonstrando a relevância delas para o evento comunicativo.

Para finalizar, temos a contribuição de Francisco Gomes de Matos. De maneira simples, o professor apresenta 40 pares de variantes linguísticas e convida o leitor a analisá-las do ponto de vista do uso no português do Brasil. Nesse exercício, cabe também definir a contextualização da frase, além de a lista ser um convite a outras criações.

Todas essas abordagens contribuem para materializar a dimensão textual e discursiva no ensino de língua materna e estrangeira, criando a articulação necessária entre as pesquisas linguísticas e as práticas pedagógicas.

Boa leitura!